



# VISÕES DO INFERNO: A IMPRENSA E O COMUNISMO CUBANO NA AMÉRICA LATINA (1959-1964)

ANDREIA CARVALHO\*

Esse trabalho é parte do capítulo III de nossa dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em História Política da UERJ. Nele apresentamos uma análise de discurso sobre como a revolução cubana foi veiculada por alguns periódicos da imprensa escrita brasileira, verificando como foi (re)visitada a percepção contra-revolucionária através de mitos políticos, inspirada pela análise realizada por Lená Medeiros de Meneses, em 2000. O recorte cronológico desse trabalho situa-se entre os anos de 1959 até 1964, tendo como cenário os vários desdobramentos da política interna do país durante o contexto da Guerra Fria, antes do advento do golpe civil-militar. As fontes consultadas para pesquisa foram os jornais: *Tribuna da Imprensa*, *O Estado de São Paulo* e *Correio da Manhã*. Nelas selecionamos, de forma qualitativa, as notícias que apresentavam juízo de valor negativo sobre o processo revolucionário cubano.

No sentido de embasar nosso estudo, pautamos no trabalho de Bourdieu (1989), no que se refere ao conceito de “poder simbólico”. Para o autor, os símbolos são utilizados para o estabelecimento da integração e reprodução da ordem social através do consenso. Aceitaremos, portanto, sua afirmação de que a luta de classes ocorre também no campo dos conflitos simbólicos, principalmente através do microcosmo da produção cultural. Para o autor, as diferentes classes e frações de classes estão

envolvidas em uma luta simbólica para a definição do mundo social conforme seus interesses. Assim, elas podem conduzir a luta diretamente no cotidiano, ou por procuração dada aos especialistas em produção simbólica, tais como editores e jornalistas. Segundo ele, esses agentes sociais específicos aspiram o poder de nomear o mundo e para isso podem se utilizar de calúnias, elogios, críticas, polêmicas e louvações.

No trabalho aqui apresentado, estudaremos o tema especificamente através da atuação da imprensa escrita, portanto, concordamos com Bourdieu quando o mesmo diz que as Ciências Sociais necessitam examinar a importância que cabe às palavras na construção do mundo, conferindo à linguagem um significado capaz de criar representações simbólicas à realidade que estruturam. Segundo suas palavras: “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer irreconhecível, transfigurada e legitimada de outras formas de poder” (BOURDIEU, 1988, p. 13).

Após estas pertinentes observações teóricas, voltamos ao objetivo central de nosso trabalho, lembrando que a Revolução Cubana foi observada por jornais desde seu nascedouro, pautando diariamente o noticiário internacional, com a grande imprensa acompanhando os seus passos rumo a uma possível ‘sovietização’ da ilha. Das denúncias de uma infiltração comunista, que poderia desviar os bons

rumos do processo revolucionário, até a certeza de que o mundo estava diante do primeiro país socialista da América Latina, os discursos da imprensa alertavam para a idéia de um mundo em perigo, ameaçado pelas forças externas e internas que apoiavam Fidel Castro no país.

O terreno para o florescimento de representações simbólicas, resultado da revisitação de mitos imemoriais, já fora semeado através do imaginário difundido pela imprensa à época da Revolução Russa (MENEZES, 2000). Em tempos de Guerra Fria e de instabilidade, o mito tornava-se, mais uma vez, um elemento fornecedor de sentido, sendo sua participação nas explicações do mundo sempre um eterno desafio à razão (KALAKOWSKI, 1981).

No contexto de um mundo dividido por radicalismos, os discursos da imprensa associavam comunismo, exportação da revolução e luta pelas Reformas de Base, como parte de um mesmo processo. “Medos individuais ou coletivos, conscientes ou difusos, espontâneos ou refletidos, associados ao medo classista que alimentou o ódio burguês” (MENEZES, 2000, p.24) eram associados à retórica apocalíptica dos blocos envolvidos (HOBSBAWN, 1995), o que justificou tanta preocupação com a defesa do país por parte dos formadores de opinião, convictos de que caberia aos governantes precaverem-se, a todo custo, contra o inimigo externo: o comunismo.

Qualquer aproximação com setores de esquerda era entendido como uma “união” explícita com esse inimigo. “O medo do possível amanhã” (DELUMEAU, 1989), entre outras razões de ordem classista, tornava compreensível a necessidade da imprensa interpretar, e até tentar prever com antecedência, o que a Revolução Cubana significava para a América Latina e para o Brasil.

Os meios de comunicação de massa, dentre eles a imprensa escrita, projetavam versões distorcidas ou impregnadas de juízo de valor, que tornavam ainda mais dramáticos os fatos ocorridos, reproduzindo como verdade textos não comprovados ou opiniões veiculadas por grandes agências de notícias.

Mariani afirma que, em narrativas que tratam sobre os comunistas, o ponto principal não é só o modo como são colocados em cena os discursos políticos em luta, mas principalmente a proliferação de comentários e avaliações, que atuam na ordem do cotidiano do leitor, realizando um processo de filiação de sentidos, que associam as referências sobre comunismo/comunista a uma memória já ideologicamente saturada (MARIANI, 1998, p.225).

Muitas associações sobre os acontecimentos da Revolução Cubana foram apresentadas nestes discursos com conotações de explícita origem religiosa, recorrentemente reutilizadas devido à perplexidade frente a um acontecimento revolucionário de tal envergadura. Insinuações estas que poderiam tocar fundo no leitor, já tão impregnado de representações simbólicas do Inferno, de Satã e da chegada do Apocalipse, que em tempos nucleares não pareciam uma possibilidade remota.

O perigo parecia iminente, e parecia não se conformar em viver “como toupeira no interior da terra” (MARX e ENGELS, s/d). Cabia à imprensa de tendência claramente anticomunista denunciar a vocação internacional deste Complô, que sem a devida vigilância poderia, a qualquer momento, bater à porta de cada um. Novamente a luta entre o Bem e o Mal era revivida. Cuba era agora a ponta-de-lança do comunismo internacional, pronta a espalhar sua “infecção” letal pelo solo latino-americano; enquanto se fazia necessária uma “aliança” com os Estados Unidos para o combate ao inimigo comum. Em tempos de Guerra Fria e de instabilidade, a revisitação de antigos mitos explicitava ao leitor os riscos – reais e imaginários – daquela conjuntura.

É importante lembrar que notícias apocalípticas com relação aos processos revolucionários, apresentando prognósticos ameaçadores, não foram um privilégio desse contexto histórico. Como já foi identificado no trabalho de Menezes, desde os noticiários sobre a Revolução de Outubro, o sensacionalismo nos títulos em negritos apresentados respondiam às necessidades da própria lógica do mercado editorial. Segundo a autora, a pressão por

notícias diminuía a crítica das fontes, e lançava ao leitor boatos em tom de verdades, com frases iniciadas por sujeitos indeterminados. Anos atrás, portanto, a veracidade da informação apresentada sobre o “complô bolchevique” cedeu lugar à busca do fato inusitado e causador de espanto. Dessa forma, por ocasião da Revolução Cubana, não foram criados, mas reeditados medos associados ao imaginário contra-revolucionário, já estudados por Menezes (2000).

A idéia de uma revolução destruidora que se espalhava pela América Latina rapidamente se difundiu através das notícias dos jornais, cujas estratégias discursivas tornavam implícitos o seu caráter de metadiscurso. Foi comum a apresentação da Revolução Cubana associada ao mito do Caos, representando o colapso de toda ordem social (MENEZES, 2000, p. 132). Menezes, que originalmente estudou o tema, afirma que a idéia de uma situação caótica remete, inevitavelmente, à noção de caos bíblico inicial, caracterizado pelas trevas e pela falta de ordenamento do universo, sendo que essa representação vinha marcada por enorme carga negativa.

Como demonstra a mesma autora, essa associação é um mergulho em narrativas míticas muito antigas, que remontam à idéia da existência de um ser superior que “cria” e “ordena” o mundo da forma como conhecemos. Mergulhar no caos, portanto, significa mergulhar em um mundo sem o ordenamento divino, conseqüentemente um mundo sem Deus (MENEZES, 2000, p. 136).

Da mesma forma como nos jornais que noticiaram a Revolução de Outubro, esse caos revisitado não correspondia à idéia de vácuo. O Caos fora transformado pela imprensa burguesa em uma constante movimentação de hordas ensandecidas a invadir espaços sagrados, a contestar privilégios e hierarquias, e cometer toda sorte de desmandos (MENEZES, 2000, p. 130-140).

Reproduzindo o que já havia sido analisado por Menezes com relação à Revolução Russa, dentre todas as metáforas utilizadas para expressar a

revolução, como um movimento contínuo que não poderia ser freado, a onda foi a mais recorrente. A onda comunista “trazia em si elementos de permanência que podiam antecipar os resultados de sua passagem, a partir da memória discursiva relacionada a outras ondas, formadas em outros tempos” (MENEZES, 2000, p. 104). A metáfora lembrava, assim, o dilúvio bíblico, prenunciando a destruição e a morte, e foi revivida no texto abaixo sobre a Revolução em Cuba.

#### Violentas manifestações comunistas de apoio a Fidel em todo o mundo

Nova York, 19 – Manifestações de protesto dirigidas por comunistas contra a suposta ajuda dos Estados Unidos aos cubanos inimigos de Fidel Castro se estenderam hoje por todo mundo numa onda de violência que recorda as desordens antibélicas provocadas pela morte do ex-primeiro ministro congolês Patrice Lumumba. Em alguns países da América Latina os manifestantes animados por discursos antiamericanos descarregaram sua ira sobre as Igrejas Católicas, Jornais Anticomunistas e outros objetivos. (UPI) <sup>1</sup>

Diferentemente da Revolução de Outubro, onde o Caos foi associado ao mito da Anarquia, ou à desordem administrativa e social generalizada, nas notícias sobre a Revolução Cubana não verificamos nas fontes essa mesma associação<sup>2</sup>. O mito do Caos era relacionado com a própria sociedade comunista, caracterizada pela violência e vandalismo, e pelo resultado da infiltração de elementos estrangeiros nas Américas. Lógico que a violência política existia, como sempre existiu no histórico das revoluções e contrarrevoluções, mas no primeiro caso era demonstrada como algo específico da sordidez revolucionária, e no segundo caso era apresentada como um recurso justificável para evitar o “alastramento” da revolução.

Vejamos o discurso abaixo, que nos apresenta uma imagem/mensagem sobre a forma como essa violência se apresenta. O termo “espasmos de uma violenta comoção social” traduz uma perigosa situação de caos generalizado, mas que ainda poderia

ser controlado, já que não há menção ao comunismo na matéria. Esses “espasmos” também traduzem a ideia de movimentos involuntários, desordem e, principalmente falta da razão, pois, tal situação seria resultado de uma comoção social. Simbolicamente, a mensagem é a de que a situação revolucionária seria o contrário da ordem, ou seja, das Luzes.

#### Imprensa cubana não está livre do medo

Nova York (UPI) – John S. Kight, proprietário da cadeia de jornais que leva seu nome nos Estados Unidos, referiu-se à situação da imprensa em Cuba ao receber na noite passada as insígnias da fundação das Américas para 1959.

‘Devemos reconhecer – disse – que a liberdade completa de imprensa é de difícil realização em Cuba, que está ainda nos espasmos de uma violenta comoção social’.<sup>3</sup>

Esse Caos social também se caracterizaria pela falta de alguns dos padrões civilizatórios ocidentais, tais como: a ordem, a limpeza e o desprezo à tradição. Na primeira matéria abaixo, Fidel aparece como um homem de atitudes violentas, que renega a tradição das boas relações com os Estados Unidos. Esse mesmo líder/representante da Revolução Cubana encontrava-se mergulhado, junto com seu país, em uma “crise profunda”. Mesmo assim se nega a efetuar a “limpeza” do país. Na segunda matéria, não haveria mais dúvidas sobre a opção comunista de Cuba, com a representação de que o Caos está instaurado, que o povo agora é escravizado contra a vontade, e que trabalha para os soviéticos em locais “infestados de insetos”, visto que não haveria mais “limpeza” no país.

Washington, 22 (AP) – Em sua edição de hoje declara o seminário “Us New & Wold Report”: “Tanto o primeiro ministro Fidel Castro quanto Cuba, da qual se proclama libertador, mergulham cada vez mais numa crise profunda e grave, da qual os únicos beneficiários são os comunistas”.

(...) O próprio Fidel Castro está demonstrando cada vez mais, com maior frequência o desprezo que nutre pelos EUA, pelas propriedades norte-americanas e pelos vínculos tradicionais que uniam Cuba e seu grande vizinho do norte.

Visado por críticas severas, Castro agora reage com violência, afastando do governo os vacilantes que hesitam em aprovar as medidas radicais que propõe. A impressão geral de cubanos e norte-americanos em Havana reflete-se no comentário de um deles à visitante: “grandes oportunidades estão sendo perdidas. Se Castro só tivesse assumido o poder para efetuar uma limpeza, grandes coisas poderiam ser feitas”.<sup>4</sup>

#### Base russo-cubana

(UPI,AP) – um cidadão cubano que fugiu da ilha em uma pequena embarcação disse hoje que figurou entre os 450 prisioneiros que empregados da limpeza de uma zona infestada de insetos, perto da Baía de Los Cochinos, onde segundo afirmou está sendo construída uma base naval russo-cubana. O refugiado declarou que depois de cinco meses de trabalho forçado em Cayo Diego Perez, a uns 45 km de Playa Giron, a maior parte dos sobreviventes foi transladada a um campo de concentração (...)<sup>5</sup>

O Caos apresentado nas mais diversas matérias não associa o povo cubano aos excessos de vandalismo cometidos na ilha: sempre são os comunistas os que desafiam a autoridade e a religião. Estes são descritos como “loucos”, “agitadores”, sempre “desvairados” em seus protestos e gritos. Fidel Castro e seu governo comunista “manipulam” esse povo, apresentado como uma “massa inocente útil”, que segue as ordens do seu líder carismático sem questionamentos. No Caos instalado na ilha, aqueles que se uniam aos comunistas deveriam ser desprezados pelos homens decentes, porque também se transmutaram no “outro” perigoso, o “estrangeiro” capaz de todas as vilanias atribuídas aos comunistas, inclusive a delação.

#### Em Cuba: Confisco de bens revolucionários

Nova York, 22 – Sob o título “O frenesi de Castro”, o jornal “New York Post” publica hoje um editorial no qual expressa seus “profundos receios” pelos últimos acontecimentos em Cuba e afirma que “Fidel Castro fez pouco caso de seu compromisso de dar dignidade a seu povo”.

Diz o artigo textualmente:

“Ao ordenar aos trabalhadores cubanos que vigiem todos os

opostos à revolução e denunciar a polícia os supostos hereges, Fidel Castro fez pouco caso de seu compromisso de dar dignidade ao povo”.

Essa é uma medida de desespero e de loucura. Castro pediu a seus concidadãos que desçam em massa, a um nível desprezado por todos os homens descentes.

Um novo governo revolucionário deve precaver-se contra a contrarrevolução. Mas isso não justifica a degradação de seus cidadãos mediante a introdução de um sistema nacional de espionagem. (UPI)<sup>6</sup>

No texto seguinte, no Caos em que Cuba está inserida, nada mais seria sagrado. Os comunistas, “em grupos ameaçadores”, são capazes de invadir as igrejas proclamando heresias, o que é mais do que justificativa para os EUA e seus aliados pressionarem outros países a não manterem relações diplomáticas com a ilha.

#### Começa o novo “rush” contra Cuba: Ruptura

Nova York, Miami (FP-TI) – Um novo “rush” anticomunista, por enquanto limitado a manifestações e denúncias dos exilados, e a pressão norte-americana contra os países que mantêm relações diplomáticas e comerciais com o regime de Fidel, foi iniciado (...).

#### Perseguição Religiosa

“Não há mais Deus do que Fidel Castro” – esse o grito fanático utilizado pelos comunistas para atacarem as igrejas e os fiéis que acorrem aos ofícios religiosos em Cuba, afirmou ontem o exilado Juan Manoel Salato, o qual logrou fugir, recentemente, de Cuba, chegando a Miami a bordo de uma pequena embarcação.

(...) O refugiado disse, também, que os comunistas, como pretexto de batidas em busca de armas e propaganda anticomunista, irrompem nos templos durante a celebração das missas, gritando: “Aqui não há mais Deus do que Fidel Castro” e passam imediatamente a revistar altares, a sacristia e os fiéis que se encontram presentes.

(...) EUA não desistem.

(...) Rusk (*Dean Rusk – secretário de Estado dos Estados Unidos da América*), que se reuniu durante a jornada com oito chanceleres latino-americanos: os do Peru, Brasil e as seis repúblicas centro-americanas, indicou aos seus interlocutores

que os Estados Unidos mantêm sua pressão sobre a URSS, da qual fizeram constar sua total negativa a aceitar a idéia de que Castro exporte a revolução ao resto do hemisfério.<sup>7</sup>

No Brasil, o enfoque político-ideológico do indesejável estrangeiro, portador da desordem, que traz idéias subversivas, remonta ao início do século XX. Tais acusações tiveram repercussão e justificaram a repressão e inúmeras expulsões na época (MENEZES, 1996). Demonstrando uma permanência, com relação às notícias veiculadas sobre a Revolução de Outubro, a representação do Caos revolucionário cubano contrapunha dois mundos: “o mundo civilizado, ocidental, branco e cristão; e o outro mundo, oriental, herege e bárbaro de onde provinham os comunistas” (Idem, capítulo III). Acusada em diversas reportagens de ser a “ponta-de-lança” do comunismo soviético, Cuba parecia trazer a (in)civilização que ameaçava o novo continente, traíndo a democracia cristã, e se aliando a uma conspiração sino-soviética.

#### Declaração de Miro Cardona

Nova York, 10 (UPI) – A Columbia Broadcast System – em programa intitulado “Autonomia do Engano” apresentou na noite de ontem um documentário pela televisão destinado a mostrar como Fidel Castro faltou a suas promessas feitas pouco depois da queda de Fulgêncio Batista em janeiro de 1959. O programa terminou com a apresentação do Dr. Jose Miro Cardona, que foi o primeiro ministro ao cair o regime de Batista e que anos atrás foi professor de Castro na Faculdade de Direito na Universidade de Havana. Miro Cardona disse que ‘todos os vestígios de civilização desaparecem hoje de Cuba. O terror impera nesse país. A constituição foi substituída pelo pelotão de fuzilamento(...). Cuba é um imenso campo de concentração mantido somente pela presença e violência dos mesmos tanques soviéticos que subjugarão patriotas húngaros’.<sup>8</sup>

#### Violento manifesto de movimento contrário ao governo de Castro

Miami, 9 (UPI) – O Movimento de Recuperação Revolucionária (MRR), possivelmente a mais forte das

organizações opositoras a Fidel Castro, fez ontem publicamente um ‘chamado às armas’ dirigido ao povo cubano. Em um manifesto de sete páginas, o “MRR” acusa o ministro Fidel Castro de trair seu povo, renegar suas promessas, e procurar converter a democrática e cristã Cuba em uma engrenagem da maquinaria sino-soviética para a dominação do mundo.

(...) O porta voz (do MRR) expressou que a organização não se acha ainda em condições de anunciar uma aberta agressão armada contra o governo de Castro dirigindo-se “ao povo de Cuba” o manifesto consta: ‘respondei ao nosso chamado às armas’.<sup>9</sup>

O estrangeiro é usualmente concebido como portador de sentidos, já agregados a sua condição de “outro”. Ele é tanto aquele a quem se quer hospedar (vide a campanha migratória com o fim da escravidão no país) quanto aquele a quem se precisa evitar (KRISTEVA, 1994, p. 229). No caso dos comunistas, sua representação na imprensa brasileira retratava evidentemente o estrangeiro ou as idéias estrangeiras que não queríamos abrigar. Constituíam-se, portanto, também em uma luta simbólica pela construção do sentido de brasilidade (MARIANI, 1998), em um país aonde não caberia a luta de classes e suas resultantes.

O noticiário veiculado pela imprensa ocidental não só demonizou os comunistas, como também os qualificou como os possíveis destruidores da civilização. Ou seja, ocorreu nestes discursos o que Menezes classificou de revisitação da Barbárie (MENEZES, 2000, p. 154). Segundo ela, as teses evolucionistas viriam identificar a civilização com a Europa, consagrando a visão de um mundo caracterizado pela dualidade entre racionalidade e civilidade ocidentais X primitivismo e barbárie orientais (Idem).

Para Menezes, esse Oriente foi representado como local misterioso, atrasado e ameaçador, como que a recuperar a idéia de ameaça bárbara à civilização. No caso do advento da Revolução de Outubro, a Rússia foi recolocada simbolicamente no conjunto dos povos orientais, principalmente pela

tomada de São Petersburgo, capital russa que representava sua ocidentalização. A fixação do novo governo no Kremilin teria significado um retorno às origens, uma reedição da Rússia asiática e incivilizada. A autora afirma ainda, que, de certa forma, colocava-se em pauta, novamente, o mito de Roma, ameaçada pelos povos não-cristãos e não-civilizados que se encontravam além de suas fronteiras (MENEZES, 2000, p. 167).

Representações muito parecidas foram reeditadas por ocasião da Revolução Cubana. Continuamente as denúncias de orientais se infiltrando no governo de Fidel foram repetidas, sendo que não havia, nesses discursos, um registro mais formal das fontes informativas, ou a quantidade desses invasores, o que dava uma idéia de enorme fluxo migratório contínuo para a ilha. Esses mongóis, chineses, russos, orientais, representam o “outro” que já destruíra os resquícios de civilização em seus países de origem, e agora se infiltravam em Cuba. Somente sua presença, e sua diferença, seriam suficientes para caracterizar o tamanho da ameaça amarela enfrentada pelo etnocentrismo branco e cristão.

#### Soldados orientais teriam desembarcado em Cuba de um navio mercante soviético

Miami, Florida, 21 (AFP e AP) – Informa o jornal ‘Miami News’ que ‘tropas orientais’ desembarcaram no último dia oito de novembro em Cuba. Ressaltava o jornal que centenas de soldados de origem mongol, podendo ser chineses ou soviéticos, desembarcaram de navio mercante soviético, ‘Noker’ em Antilha, na costa norte da província de oriente.<sup>10</sup>

#### Técnicos russos dirigem reforma agrária de Cuba

Caracas (UPI) – Manoel Antonio de Varona, dirigente do Partido Revolucionário Cubano, declarou que vários setores políticos latino-americanos estão apostando de alguma forma no regime de Fidel Castro, “sem dar-se conta de que estão cavando a própria sepultura, porque Cuba é governada agora com a ajuda dos comunistas”.

Varona, que chegou ontem à noite, procedente dos EUA, fez essa declaração em entrevista coletiva à imprensa para acrescentar que existem provas indiscutíveis da franca

cooperação de Castro com o partido comunista, ‘porque podem ver-se técnicos russos e tchecoslovacos e comunistas chineses e de outras nacionalidades, que dirigem a reforma agrária, para convertê-la em que atenda às necessidades do sistema comunista’.<sup>11</sup>

Fidel diz que Havana deve ser uma nova Stanlgrado

Miami, Florida (UPI) – A rádio de Havana informou, ontem, que “milhares” de russos se ofereceram como ‘voluntários’ para a defesa de Cuba.<sup>12</sup>

Contra tais denúncias, o *Semanário Novos Rumos* parecia, em vão, querer desmentir o fluxo demográfico oriental para Cuba. Contando com uma tiragem muito menor que a grande imprensa, além de estar atuando dentro de um contexto de exacerbação do anticomunismo em diversos meios de comunicação, tais desmentidos não tiveram a repercussão desejada.

Nas últimas semanas as agências telegráficas norte-americanas AP e UPI e a francesa *France Press* vinham insistindo que “armamentos russos haviam sido desembarcadas em Cuba”; depois estaria sendo instalada numa base militar soviética na ilha, finalmente, neste crescendo desavergonhado de mentiras, sobre “tropas russas, tchecas e chinesas”.<sup>13</sup>

Além de revisitações do caos e da dicotomia entre “Barbárie X Civilização”, as notícias sobre a Revolução Cubana, contemporânea do perigo nuclear, por inúmeras vezes fizeram menção à possibilidade da guerra, que poderia ser entendida pelo leitor como de proporções mundiais e devastadora da humanidade. Os sinais do fim dos tempos foram novamente associados ao perigo revolucionário (MENEZES, 2000).

Diversas profecias bíblicas, de acordo com Delumeau, explicam como o milenarismo enraizou-se no imaginário ocidental, além da esperança de felicidade terrestre coletiva. Próximo ao ano mil, a proximidade de passagem para o milênio gerou uma expectativa da chegada de um período de convulsões terríveis das forças da natureza, anunciadas por sinais

que caracterizariam o juízo final ou Apocalipse (DELUMEAU, 1997). Em tempos de Guerra Fria e há menos de 50 anos para uma nova virada de milênio, o medo do fim dos tempos voltou com toda a força.

Os mesmos mitos foram continuamente revisitados, visto que as profecias bíblicas de anúncio do final dos tempos não possuíam uma identificação cronológica. Menezes demonstrou como, por ocasião da Revolução de Outubro, essas representações pontuaram as notícias veiculadas pela imprensa brasileira, demonstrando como, sob o ponto de vista contrarrevolucionário, a revolução representava o fim do mundo como era conhecido, ou seja, a derrocada da propriedade privada, da religião, da moral burguesa (MENEZES, 2000, p. 111).

O simbolismo dos “Cavaleiros do Apocalipse”, como um prenúncio do final dos tempos, preencheria o não dito dos enunciados das matérias. A fome, a guerra, a doença e a morte estavam presentes, não na forma da imagem dantesca, mas intrínseca ao próprio cotidiano da Revolução Cubana que era retratado. As imagens/mensagens davam a entender que tais desgraças eram resultado da ação comunista, e poderiam espalhar-se pelos países que optassem por tal caminho. Derrotar o Mal revolucionário revestia-se, simbolicamente, de um sentido quase messiânico de salvação da humanidade.

Na notícia selecionada abaixo o enunciado “começo do fim”, por si só, já remonta ao fim apocalíptico, principalmente se não for lido o conteúdo da matéria. No decorrer do discurso, a fala do senador americano lembra que nenhum estado comunista era capaz de alimentar seu povo, a que atribuímos a uma menção a tão alardeada fome na Rússia.<sup>14</sup> Seria, portanto, só uma questão de tempo para a fome “galopar”, também, em Cuba.

O começo do fim

Washington, 19 (UPI) – O senador pelo Estado de Nova York Kenneth B. Keating, declarou ontem, no senado, que o racionamento dos produtos de primeira necessidade em Cuba poderia assinalar o começo do fim de Fidel Castro.

‘Chegou o momento – disse Keating – para os Estados Unidos

observarem a situação de forma realista e verificarem o que podem fazer pelo povo cubano'. Acrescentar que até agora "nenhum estado comunista pode alimentar devidamente seu povo, nem abastecer-se adequadamente".<sup>15</sup>

No início da Revolução Cubana, contando ainda com o leque inicial de apoio nas Américas, diversas notícias entendiam o tribunal revolucionário como um processo de "justiçamento" dos colaboradores do sanguinário ditador Fulgencio Batista. Paulatinamente, tais enunciados mudam de sentido, e passam a denunciar um processo em andamento de assassinatos e perseguições injustificáveis lideradas por Fidel Castro, resultantes da atuação dos comunistas na ilha. O *paredão*, ou o muro onde os prisioneiros de guerras eram fuzilados, passou a ser o símbolo de morte, o segundo *Cavaleiro* que assolava o país. Esse processo pode ser exemplificado pelas manchetes e pela notícia que se seguem, veiculadas entre 1959 e 1961:

Prosseguem as execuções no interior de Cuba<sup>16</sup>.

Fuzilados mais nove colaboradores de Batista.<sup>17</sup>

Começou o julgamento dos criminosos de guerra cubanos<sup>18</sup>

1961 será em Cuba "O Ano do Paredão"

Havana (UPI) – O regime de Fidel Castro, aparentemente decidido a implantar a paz interna pelo terror, fez saber sua intenção de empregar o fuzilamento como elemento básico na justiça revolucionária do governo.

Em uma sombria advertência aos contrarrevolucionários o capitão Antonio Nunez Jimenez diretor do Instituto de Reforma Agrária, proclamou que, daqui em diante, o ano de 1961, conhecido como "o ano da educação e a produção", será chamado o "o ano do paredão".

Invocou em seguida o "horrendo assassínio" do professor Conrado Benetez para justificar sua revolta e prometeu que a revolução, "pacientemente, pedra sobre pedra, erigira o maior paredão da história da humanidade para fazer frente aos inimigos da revolução".<sup>19</sup>

O perigo comunista, mais uma vez, também foi associado a doenças infecciosas que se poderiam alastrar, caso não lhe fosse dado o devido combate. O terceiro *Cavaleiro do Apocalipse*, a doença, projetava-se em palavras fortes como "vírus", ou "infecção", e foi frequentemente relacionada à atuação dos comunistas em Cuba. Tais metáforas representam uma ameaça que levaria a morte, neste caso representado pelo fim da sociedade como ela era entendida. Escolhemos, para ilustrar o tema da associação entre revolução e doença, a metáfora mais comumente repetida nos discursos, tratando Cuba como um "cancer". Cabe registrar que a mesma associação não fora encontrada na pesquisa de Menezes com relação à revolução na Rússia (2000).

É interessante ressaltar que, diferentemente da simples infecção, esta "doença maligna" não deveria somente ser combatida, mas extirpada definitivamente, no sentido de evitar sua metástase em outros locais do corpo<sup>20</sup>. Dessa forma, simbolicamente, é possível entender a dimensão da repressão contrarrevolucionária em vários países latino-americanos, que tratavam os possíveis comunistas de uma forma tão desumanizada, como um mal social a ser eliminado.

Assim como o sangue alimenta as células, inclusive as cancerosas, podemos inferir que, nas entrelinhas do discurso contrarrevolucionário, as relações comerciais com Cuba "alimentavam" a sobrevivência do sistema comunista, portanto a convivência com o "cancer" social da revolução era um risco "contagioso" para toda a América Latina. Em termos simbólicos não "alimentar" a revolução, e evitar a "contaminação" de células/países são seria um dos sentidos simbólicos possíveis do bloqueio imposto à ilha.

Nixon pede à Kennedy o bloqueio naval de Cuba

Los Angeles – O ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, pediu ontem à noite, numa entrevista coletiva, que se estude a possibilidade de realizar um bloqueio naval à Cuba, assegurando que apoiará todas as medidas – inclusive as unilaterais – que o presidente Kennedy tome, para impedir

que continue a ajuda militar soviética ao governo cubano. Afirmando que Cuba “é um tumor canceroso no flanco do hemisfério ocidental”, Richard Nixon declarou que “sempre há o perigo de desencadear uma guerra quando se intervém assim, porém, quanto mais tempo se espera pelos acontecimentos, mais a guerra se converte numa certeza”.

Nixon recordou que ao entrevistar-se com Kennedy, dias após a fracassada invasão da baía de Los Cochinos, tinha-lhe assegurado apoio total a qualquer medida que se considerasse necessária para impedir o estabelecimento de uma cabeça de ponte comunista em Cuba. Acrescentou que reitera, agora, seu apoio.

Sugeriu ainda o ex-vice-presidente norte-americano que o presidente Kennedy estudasse os meios para impedir que os aliados ocidentais utilizem seus navios para transportar para Cuba armas soviéticas.<sup>21</sup>

Washington, 26 – “Os Estados Unidos devem lançar a Fidel Castro um ultimato, no qual se assegure que se darão os passos necessários, inclusive o bloqueio e a ocupação de Cuba, se for necessário, para proteger as vidas e as propriedades americanas na ilha” - disse na câmara dos representantes o democrata Mendel Rivers durante um debate sobre as relações entre os dois países.

Rivers, que qualificou Fidel Castro de “louco” acrescentou: “se dissermos a esse bando de idiotas que não vamos continuar tolerando isso, a coisa cessará”. Depois acusou o primeiro ministro cubano de querer “apoderar-se da América Latina” e fazer de Cuba um país comunista. E disse que há de fazer o possível para “deter esse malfeitor” e “eliminar esse câncer”.

O democrata Daniel Flood declarou que já não se pode falar de um governo cubano, mas de um governo de comunistas internacionais inclusive milhares de chineses vermelhos. (FP)<sup>22</sup>

Como anuncia o texto seguinte, o que estava em jogo na visita de Krushev ao ocidente era muito maior do que parecia a primeira vista<sup>23</sup>. Significava o não dito sobre o arsenal nuclear dos blocos ideológicos em conflito, a proteção da Revolução Cubana pelos foguetes soviéticos e a temida possibilidade da destruição do mundo através de guerra sem

precedentes e sem vencedores. O não dito no discurso era capaz de possuir uma clara função meta-discursiva, principalmente sobre os perigos relacionados com a Guerra Fria, pronta para tornar-se uma guerra definitiva, o último *Cavaleiro do Apocalipse*.

#### Fidel convidou Krushev a visitar Cuba

Nova York, 22 – Os grandes jornais Nova Yorquinos comentam hoje a espetacular visita feita pelo primeiro ministro russo Nikita Krushev a seu colega cubano Fidel Castro, salientando em editoriais, sobretudo, o aspecto teatral do fato.

Acentua o “New York Times” a propósito: “Quando os cubanos aceitaram em princípio a proteção dos foguetes nucleares soviéticos, pensaram possivelmente na proteção de Cuba e da revolução cubana. Na realidade, o que estava em jogo era e é algo muito mais importante.

Os americanos pensam coisas assim vendo as fotografias de Nikita Krushev e Fidel Castro a se abraçarem. Isto dá a impressão de que o vento glacial da guerra fria está soprando aqui mesmo em Manhattan”.

Referindo-se aos incidentes provocados em Nova York pela presença das delegações de governos ditatoriais, o “Dailly News” acentua: “São convidados que não foram convidados e que não são bem-vindos. Aqui não estão em sua pátria, submetidos ao terror. Estamos certos de que a opinião pública nacional aprovará o emprego de toda força necessária por parte da polícia de Nova York para obrigar Krushev e os outros brutos a respeitarem as nossas leis locais”. (FP).<sup>24</sup>

Se tantos sinais remontavam ao mito do fim dos tempos, podemos afirmar que a figura de Fidel foi demonizada, a partir da associação de tantos sentidos apresentados nos diferentes discursos. De qualquer forma, o leitor foi levado a concluir que o que acontecia naquela ilha era algo que se deveria não só temer, como evitar. Tal perigo ganha o sentido literal de “inferno”, na matéria abaixo, para além da carga simbólica que esta palavra já possuía. Se a permanência da figura diabólica estava enraizada nas profundezas das mentalidades coletivas, esse local de tormentas onde os maus seriam enviados por Deus para o castigo eterno, também remontava a

origens muito antigas (DELUMEAU, 1989). E a credibilidade da associação de Cuba com o “inferno” ganha *status* de verdade quando a matéria reproduzida é a palavra da própria igreja, tradicional perseguidora e conhecedora da ação dos demônios:

Rádio Vaticano condena nacionalização das escolas por Fidel Castro

Cidade do Vaticano, 13 – A rádio do Vaticano acusou hoje o governo cubano, ao qual chamou de “regime marxista” de “transformar as escolas públicas, os colégios, rádio, televisão e a campanha contra o analfabetismo em instrumentos de propaganda marxista no seio do povo cubano” (...)

Inferno

Caracas, 13 – Agustín Rodrigues Araya, deputado Nacional da Argentina, a seu regresso de Havana declarou que Cuba é um inferno, e que ali não há nenhuma classe de garantias porque o povo cubano vive numa imensa prisão. (UPI)<sup>25</sup>

Em suma, como em outros momentos de ameaça concreta, a conjuntura da Guerra Fria propiciou a identificação da Revolução com o temor, e o discurso contrarrevolucionário expresso na imprensa apropriou-se de visões proféticas e de mitos antigos de uma forma descontextualizada. As revisitações de apocalipse, caos, barbárie, inferno, demônio, etc, davam um sentido eminentemente negativo aos tempos vivenciados. Para Menezes, as oposições básicas entre céu x inferno; ordem x caos; civilização x barbárie; oriente x ocidente; capitalismo x comunismo; tendiam a identificar duas constelações em confronto, uma com sentido maléfico e outra com sentido benéfico (MENEZES, 2000). O que era verdade para Revolução Russa também o era para a Cubana.

A luta simbólica, que se desdobrou a partir do noticiário sobre a revolução em Cuba, transformou-se na polarização entre o Bem e o Mal, demonstrando que, como diz Girardet, o mito político ao ser utilizado para o entendimento de determinadas conjunturas, não se utiliza mais do que um número relativamente limitado de mecanismos combinatórios, que giram em torno das mesmas constelações mitológicas.

(GIRARDET, 1987, p. 17) No caso brasileiro, os discursos que defendiam o autodenominado “Bem”, revestido de aspectos contrarrevolucionários, não mediu esforços para apoiar a extirpação do “câncer” do comunismo do seio da sociedade brasileira, mesmo que para isso a “foice da morte” levasse parte de sua juventude que sonhava com uma revolução socialista no Brasil.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\* Bacharel e licenciada em História/UERJ; mestre em História Política/UERJ; doutoranda em Serviço Social /UERJ; Servidora Técnico-administrativa da Uerj e membro do Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC), do CCS/UERJ. E-mail: andrea.proealc@gmail.com

<sup>1</sup> RIO DE JANEIRO, *Correio da Manhã*, 20/04/1961

<sup>2</sup> A associação caos/anarquia resultou da tentativa de desmerecimento do movimento anarquia, tal forte no início do século. Lená Medeiros de Menezes., 2000.

<sup>3</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 13/10/1959, 8ª p.

<sup>4</sup> SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, 23/06/1959

<sup>5</sup> SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, 03/08/1963.

<sup>6</sup> RIO DE JANEIRO, *Correio da Manhã*, 23/12/1959

<sup>7</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 25/09/1963

<sup>8</sup> SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, 11/05/1962.

<sup>9</sup> SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, 10/06/1960

<sup>10</sup> SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, 22/12/1960

<sup>11</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 30/05/1960

<sup>12</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 08/05/1961

<sup>13</sup> RIO DE JANEIRO, *Novos Rumos*, 31/08 a 06/09/1962, 3ª p.

<sup>14</sup> No trabalho de Lená Medeiros de Menezes (2000) há uma análise extensa de como a fome na Rússia foi veiculada nos jornais brasileiros, no início do século XX.

<sup>15</sup> SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, 15/03/1962.

<sup>16</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 17 e 18/01/1959, 1ª p, Sab/Dom

<sup>17</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 21/01/1959, 1ª p.

<sup>18</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 23/01/1959, 1ª p.

<sup>19</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 29/01/1961

<sup>20</sup> Metástase é o termo médico utilizado para o aparecimento de câncer em várias partes do corpo via circulação sanguínea, a partir de um ponto inicial.

<sup>21</sup> RIO DE JANEIRO, *Tribuna da Imprensa*, 20/09/1962, 2ª p.

<sup>22</sup> RIO DE JANEIRO, *Correio da Manhã*, 28/06/1960

<sup>23</sup> Mesmo ocorrendo um processo de desestalinização sob seu

governo e a tentativa de coexistência pacífica, devemos lembrar que a imagem divulgada de comunista era de traidor, não-confiável, portanto ainda havia o perigo a guerra nuclear, que foi reavivado na década de 80 por Ronald Reagan.

<sup>24</sup> RIO DE JANEIRO, *Correio da Manhã* - 23/09/1960

<sup>25</sup> RIO DE JANEIRO, *Correio da Manhã* ,14/04/1961

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente. Uma cidade sitiada (1300/1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

KALAKOWSKI, Leszek. *A Presença do Mito*. Brasília. Universidade de Brasília, 1981

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922 – 199)*. Rio de Janeiro, Revan, Campinas, SP, Unicamp, 1998.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, Volume 1 e 2, s/d

MENEZES, Lená Medeiros de. *Tramas do Mal: a revolução de outubro no plano das representações (1917-1921)*. Rio de Janeiro, UERJ, mimeo, 2000.